

» Entrevista | **RODRIGO COBRA** | PRESIDENTE DO RENOVA BR

Líder da escola de formação política destaca quais pontos o eleitor deve observar na hora do voto. Mais de 150 milhões de brasileiros irão às urnas em outubro

“O candidato tem que estar aberto ao diálogo”

» EDUARDA ESPOSITO

Exercer a cidadania por meio do voto é, sobretudo, uma tarefa de observação da política e dos políticos. Quem faz essa análise, que nem precisa ser das mais profundas, tem maior chances de não se arrepender do voto que deu e quem elegeu para representá-lo no Legislativo e no Executivo. Essa é a principal orientação de Rodrigo Cobra, presidente do Renova BR — que propõe a renovação na política por meio da educação e da maior responsabilidade com a vida pública. A seguir, os principais trechos na entrevista ao Correio.

Pedro Mesquita/CB/D.A Press



Qual o perfil de políticos que o Brasil precisaria escolher para mudar o Congresso de hoje?

Tem uns pontos que entendo como essenciais, que seriam um passo a passo, um conjunto de habilidades que uma pessoa tem que ter. Primeiro, o candidato tem que ter um conhecimento social e humano, ou seja, conhecer a sociedade, os eleitores, os anseios e as vontades da população e tem que ter uma atuação na política de modo a representar o que é bom para as pessoas, o que é o melhor para o setor público. Segundo ponto seria a compreensão do cargo e preparo técnico. O candidato tem que dominar as regras do jogo eleitoral sabendo onde que está entrando. Para nós aqui do Renova BR, tem mais uma característica importante que é a pessoa não ser extremista, tem que estar disposta ao diálogo, com o eleitor, dentro do partido

também, mas muito disposta ao diálogo no ambiente legislativo. E por último, a vocação autêntica por servir.

Como o eleitor pode descobrir o foco de trabalho do seu candidato?

O primeiro passo que o eleitor tem que dar é ver quem já votou no passado, ou seja, para quem que ele entregou o voto. Seria importante o eleitor buscar a compreensão do cargo de quem a pessoa está votando, ou seja, estou votando para estadual, para federal e começar a dar um olhar na sua vida. Entender se no trajeto do trabalho, para levar o filho na escola, para levar a filha na creche, ou uma demanda por assistência social, qual o maior problema que eu tenho na minha vida? Qual a questão social que preciso resolver? Uma questão de educação, saúde, assistencial e

então buscar o político que tem como tema, bandeira ou proposta algo que se vincule a essa demanda mais próxima. Entender a capacidade do político de solucionar, ou pelo menos na compreensão do problema, pode ajudar muito o eleitor a encontrar o seu líder político.

Como o eleitor consegue identificar a linha ideológica de um candidato?

Visualizar primeiro o candidato para, depois, observar o partido em que ele está inserido. É importante o eleitor entender essas vinculações com características que compõem uma diversidade de atributos para a escolha desse líder político, e não olhar a legenda como o aspecto majoritário ou olhar o partido como o aspecto que vai definir voto ou não. Porque dentro dos partidos

há uma diversidade, há uma pluralidade de pensamentos. O que é importante visualizar? Será que o líder maior desse partido está envolvido em algum caso de corrupção? Será que o presidente do diretório nacional daquele partido tem algumas questões com a com a Justiça? Ou seja, talvez usar a questão da legenda partidária como o penúltimo ou o último definidor para decidir se vai votar ou não em um determinado nome que tem uma outra série de atributos.

Qual seria a forma de diferenciar uma emenda bem aplicada de uma que não teve efetividade e transparência?

Uma dica que dou é olhar a página desse pré-candidato enquanto é parlamentar. Ali vão estar ali todas as emendas enviadas.

Como verificar as ações dos candidatos nos últimos quatro anos? E como cobrar uma promessa não cumprida?

Se você lembra em quem votou, essa pessoa tem sido presente nos temas pelas quais escolheu votar nela? Então, deve entrar na página desse eleito na casa legislativa ou do município e verificar se as pessoas que votaram anteriormente cumpriram as promessas de alguma forma. É muito importante verificar se essa pessoa não mudou de linha de atuação. Porque hoje temos uma contribuição enorme da imprensa sobre denúncias a respeito dos políticos. Então entender também se há uma matéria na imprensa a respeito disso.

NAS ENTRELINHAS

Por Carlos Alexandre de Souza

carlosalexandre.df@dabr.com.br



Lula e o senso de oportunidade na Cúpula do G7

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva está a caminho da França para a Cúpula do G7, grupo que reunirá os líderes das sete economias mais industrializadas do planeta — Estados Unidos, Alemanha, Japão, França, Reino Unido, Canadá e Itália —, de amanhã até quarta-feira. Convidado pelo colega Emmanuel Macron, o chefe de Estado brasileiro se juntará a um clube que comanda um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 51 trilhões, mais de duas vezes o PIB da China, que não integra o bloco.

Nos últimos dias, Lula afirmou que não pretendia ir a Évian-les-Bains, cidade no extremo leste francês conhecida pelas fontes de água mineral. Mas as águas agitadas da política levaram o petista a mudar de planos. A ameaça tarifária anunciada pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos provocou uma reação do governo brasileiro, que tentará demover a administração de Donald Trump de lançar a ofensiva comercial. A intenção é convencer o chefe da Casa Branca, em encontro privado, de que as razões elencadas para punir o Brasil não se justificam.

Em paralelo à viagem do chefe do Planalto à Europa, negociadores brasileiros prosseguem nas tratativas com representantes norte-americanos. Em reunião de trabalho realizada ontem, o ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Márcio Elias Rosa, sentou à mesa com o representante comercial dos Estados Unidos, Jamieson Greer. O encontro ocorreu após uma semana na qual Lula criticou fortemente as alegações formuladas pelo departamento de Greer para impor aumento de tarifas ao Brasil. A redução do desmatamento na Amazônia e a defesa veemente do Pix são alguns dos contra-argumentos brasileiros para as possíveis sanções norte-americanas. Enquanto os técnicos buscam um ponto de equilíbrio nas diferenças entre Brasil e EUA, o presidente Lula pretende retomar o canal direto com Trump para selar uma solução política ao impasse comercial.

É pouco provável, no entanto, que o imbróglio entre Brasil e EUA tenha avanços relevantes na França. Até aqui, não há previsão de uma conversa direta entre Lula e Trump. Na condição de convidado do G7, o brasileiro terá uma participação limitada na cúpula dos países ricos. Ele não terá voz deliberativa nos debates sobre crescimento econômico equilibrado, ajuda a países emergentes, inteligência artificial e proteção a crianças e adolescentes no ambiente digital. Esses temas farão parte do documento a ser divulgado na quarta-feira, após a rodada de encontros em solo francês.

PETISTA TENTARÁ, NOVAMENTE, COLOCAR EM TESTE A TAL “QUÍMICA” COM O CHEFE DA CASA BRANCA

Mais do que aspectos econômicos, as tensões geopolíticas ditam o tom das conversas às margens do lago Lemano. Lula chega no momento em que as atenções estão voltadas para Donald Trump e um possível acordo de paz na guerra do Oriente Médio. Também subsiste uma expectativa de que o chefe da Casa Branca adote uma postura mais favorável à Ucrânia, há mais de quatro anos em conflito com a Rússia. Como se vê, outras questões concorrem com a intenção do Brasil de superar o impasse comercial com os Estados Unidos.

Mesmo sem ter uma reunião formal prevista com Donald Trump, Lula pretende retomar as bandeiras que defende há anos na comunidade internacional. Ele insistirá, mais uma vez, na urgência de se adotar uma nova governança global. Trata-se de uma retórica ingrata, pois as grandes potências têm demonstrado de forma eloquente que não pretendem abrir mão de seus objetivos nacionais e da política de poder. “Eu nem ia no G7, agora eu vou. É preciso alguém tentar colocar ordem na casa e parar essa coisa de desmonte do multilateralismo, da democracia e desvalorização das instituições. Se a ONU (Organização das Nações Unidas) não está funcionando hoje, não é destruindo a ONU que a gente vai consertar o mundo, é reconstruindo a ONU”, disse Lula, na semana passada, em reunião com seus ministros. Se nem mesmo o G7 tem reunido força política para conter as decisões de Donald Trump, Vladimir Putin (presidente russo) e seus aliados, é pouco provável que o apelo brasileiro surta algum efeito prático na reunião de cúpula.

Considerando todas essas premissas, convém perguntar o que efetivamente o Brasil poderia ganhar em um encontro promovido por um grupo seleto de nações, sem abertura de poder decisório. Nem sempre — ou quase nunca — a política tem razões objetivas para acontecer. Ela se desenvolve por caminhos tortuosos, marcados por idas e vindas, avanços e recuos. Em um contexto marcado pela instabilidade, Lula pretende colocar em prática uma habilidade desenvolvida ao longo dos 50 anos de vida pública: o senso de oportunidade.

Ainda que não tenha chance real de obter alguma reconsideração por parte de Donald Trump em relação às tarifas, Lula tentará, novamente, colocar em teste a tal “química” com o chefe da Casa Branca. Uma conversa rápida, um aperto de mão, uma declaração nas redes sociais podem ser suficientes para desfazer o mal-estar. E ainda render dividendos eleitorais. Afinal, as pesquisas indicam que defender a soberania e o orgulho de ser brasileiro atraem a simpatia do eleitor. É a regra de ouro em ano de Copa e eleição.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

3º MAIOR PRODUTOR DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO DO BRASIL

Com presença digital e alcance nacional, os Diários Associados ocupam a 3ª posição no ranking Comscore News Information de abril/26*, atrás apenas de Globo Notícias e MSN e à frente de grandes grupos de mídia do país.

DA

DIÁRIOS ASSOCIADOS | **CORREIO BRAZILIENSE**

Fonte: Comscore My Metrix Digital (Desktop & Móbile) — Categoria News/Information, Total Audience — Usuários Únicos — Abril/2026 — Brasil.